

Egito Antigo: diálogo entre coleções

Cinquenta anos separam o nascimento de Amélia Machado Cavalcanti de Albuquerque (1853–1946), a Viscondessa de Cavalcanti, e Eva Klabin Rapaport (1903–1991), cujas trajetórias se aproximam pelo colecionismo. Elas formaram coleções referenciais que permitem contemplar diversas temporalidades e procedências, desde períodos mais remotos da humanidade. Entre elas, a que dedicaram aos artefatos do Egito Antigo, pela primeira vez aqui reunidas.

Esse diálogo se orienta tanto pela singularidade dos artefatos como as trajetórias das colecionadoras, desde as aproximações de gostos e hábitos às práticas colecionistas em convergência, apesar de tempos tão distintos. Ambas fizeram aquisições em viagens ou durante os períodos que residiram em outros países, quando alargaram suas redes de sociabilidades, incluindo visitas aos ateliês dos artistas e a renomados antiquários e casas de leilões.

Reunir essas duas coleções de artefatos egípcios é uma oportunidade de refletir sobre o colecionismo, das motivações e intencionalidades às práticas, desde o processo de coleta à classificação. Possibilita, sobretudo, compreender o papel das mulheres no colecionismo brasileiro, com protagonismo e de forma sistemática como é o caso de ambas, em contraposição à tradição masculina. Abre-se, assim, a perspectiva de ampliar estudos abordando um tema até aqui pouco explorado que envolve questões de tempo e de memória.

A mostra “Eterno Egito: a imortalidade nas coleções Viscondessa de Cavalcanti e Eva Klabin” permite, também, observar e comparar artefatos, uma vez que eles se aferem e se complementam. Na coleção da viscondessa destacam-se uma estela policromada, pertencente a Per-a-Iset, onde ele faz oferendas diante do deus Ra-Osiris, e um fragmento de um rosto de um ataúde masculino, figuras *shabtis* (servidores funerários) e um significativo conjunto de amuletos funerários de excelente qualidade.

Na coleção de Eva, destaca-se a cabeça de um faraó usando o toucado-*nemes*. E entre os objetos funerários, uma parte da tampa de um ataúde com a face com olhos incrustados, da XVIII Dinastia, e objetos votivos que exprimem o relevante papel que os animais desempenham na religião egípcia, como o ataúde para uma múmia de gato.

Interessante observar que os artefatos das duas coleções estão, em sua maioria, atrelados à crença na vida *post mortem*, recorrente no Egito Antigo, crença essa que

se contrapõe à cultura ocidental, com seus esforços para ocultar a morte. Segundo Antônio Brancaglioni, “A morte não era um inimigo ou um obstáculo, mas uma porta a outra existência. O objetivo dos egípcios não era como o nosso nescio objetivo de não morrer, mas o mais pungente desejo de não repetir a morte, de encontrar além da morte a vida que pudessem gozar tão completamente deste lado”. Há também entre os artefatos aqueles que são dádivas e os que clamam pela proteção dos deuses.

O fascínio pelo Egito Antigo não está circunscrito ao tempo passado. Pelo contrário, esse interesse e sua influência continuam presentes e ativos nos mais diversos setores da sociedade. E na arte, materializam-se na produção contemporânea brasileira, que promove outro diálogo relevante nesta mostra, apresentando 25 obras de 10 artistas.

Por suas coleções legadas à fruição pública, destacando esses artefatos de arte egípcia reunidos e que representam a garantia da existência do nome e a continuidade de uma vida após a morte, a Viscondessa de Cavalcanti e Eva Klabin Rapaport alcançaram as suas permanências. Ou seja, uma das formas de imortalidade que os antigos egípcios almejavam.

Dessa forma, diríamos que esse fascínio que elas possuíam pelo Egito permitiria, tal qual a lápide tumular do egiptólogo Howard Carter, o descobridor da tumba de Tutankamon, inscrever nas suas a mesma citação tirada do *Cálice de alabastro*, do jovem e emblemático faraó, que diz: "Que o teu *ka* [energia vital] possas viver, que tu passes milhões de anos, oh, tu que amas Tebas, sente com tua face voltada para o vento do norte, com teus olhos contemplando a felicidade".

Helena Severo e Douglas Fasolato